

Governo vai liberar recursos emergenciais para o Museu Nacional no Rio

O ministro da Educação, Rossieli Soares, afirmou ontem (3) que o governo vai liberar recursos emergenciais para atender o Museu Nacional do Rio de Janeiro, após o incêndio, neste domingo (2), que destruiu o prédio e o acervo da instituição

Mariana Tokarnia/Agência Brasil

Segundo ele, é necessário que se faça um projeto executivo após avaliar as perdas, para saber exatamente quanto terá de ser empregado para a recuperação do museu. "A prioridade [do governo] é que se coloque o recurso necessário para a recuperação do museu".

Segundo ele, caso o projeto fique pronto este ano, o recurso poderá ser liberado este ano. "A obra não será rápida, o prédio é histórico, não é refazer de qualquer jeito", disse, ao ser questionado por jornalistas. O ministro afirmou ainda que não tem uma estimativa de quanto será necessário para a reconstrução.

O ministro disse ainda que há cerca de dez dias encontrou o reitor Roberto Leher, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), responsável pelo museu, justamente para discutir a necessidade de reforma da instituição. "Um dos temas que tratamos era a reforma do museu com recursos angariados e aquilo no que o MEC precisaria atuar. A responsabilidade [do governo] existe, é histórica e nós entendemos que agora é o momento da reconstrução com todo mundo junto".

Segundo ele, não apenas o museu, mas outros prédio da universidade precisam de cuidados. "A UFRJ é muito peculiar por ocupar muitos prédios históricos". Perguntado sobre a responsabilidade do MEC pelo que ocorre, uma vez que o Museu Nacional é vinculado à UFRJ, que por sua vez é vinculada ao MEC, o ministro assumiu que a responsabilidade "é nossa, mas não é exclusiva de agora".

"Fizemos um trabalho importante com a sanção do Orçamento do MEC sendo melhorado para 2019, o que é um sinal importante, mesmo em tempos difíceis", afirmou e acrescentou: "Mas a reforma necessária, desde a época que se tinha mais recursos, não foi feita, provavelmente, a reforma necessária".

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) informou que está a disposição da direção



Fotos: Pilar Olivares/Reuters

Bombeiros trabalham no rescaldo do incêndio que atingiu o Museu Nacional.

do Museu Nacional e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) para redirecionar recursos já aprovados para o museu para se somarem aos esforços de reconstrução do prédio, além da restauração do acervo. Na nota, o BNDES se solidariza com e lamenta a tragédia: "Alinhado ao sentimento de perda do conjunto da sociedade brasileira, o BNDES lamenta o trágico incêndio que acometeu neste domingo (2), o Museu Nacional, no Rio de Janeiro".

Um contrato assinado em junho, durante as comemorações de 200 anos da instituição, previa a destinação de R\$ 21,7 milhões para a terceira fase do plano de investimento de revitalização do Museu (as duas fases anteriores não contaram com recursos do Banco). Segundo a nota, o primeiro desembolso do contrato entre o BNDES, a Associação de Amigos do Museu Nacional e a UFRJ, cujo prazo total de execução seria de 4 anos, estava previsto para outubro deste ano, no valor de R\$ 3 milhões.

O apoio do Banco a essa terceira fase previa, inclusive, a elaboração de projeto executivo de combate a incêndio e, por exigência do BNDES, previa também sua efetiva implantação. "Estavam incluídos ainda, no escopo do

contrato, a remoção de toda a coleção armazenada em solução inflamável para uma edificação anexa ao prédio histórico, a reestruturação do sistema elétrico e a criação de um fundo patrimonial para garantir a sustentabilidade financeira de longo prazo do museu".

Bancos integram rede de apoio para reconstruir Museu Nacional

Em resposta ao incêndio que destruiu o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, na noite de domingo (2), o presidente Michel Temer articulou ontem (3) a criação de uma rede de apoio econômico para viabilizar a reconstrução do museu. Formado inicialmente pela Febraban, Bradesco, Itaú, Santander, Banco do Brasil, Caixa, BNDE, Vale e Petrobras, o grupo deve se empenhar nesse objetivo "no tempo mais breve possível", segundo nota divulgada pelo Palácio do Planalto.

"Outros participantes poderão ser agregados durante a elaboração do projeto. Os ministérios da Educação e Cultura estudam mecanismos para que as empresas se associem na reconstrução do edifício e na busca pela recomposição do acervo destruído ontem. Uma das primeiras alternativas é usar a Lei Rouanet para financiar a iniciativa", diz o comunicado (ABR).



Museu Nacional no Rio de Janeiro interditado.



Houve um protesto de indignação e solidariedade após o incêndio.

Manifestantes dizem que há desprezo com a ciência em protesto no museu

Um protesto de indignação e solidariedade após o incêndio no Museu Nacional no Rio reuniu uma multidão na porta da Quinta da Boa Vista na manhã de ontem (3). Com críticas ao poder público de modo geral e ao governo federal, o ato apontou descaso com a história do Brasil, com a ciência e instituições públicas de ensino e pesquisa. Os manifestantes começaram a chegar pouco depois das 9h, mas foram impedidos de entrar na Quinta da Boa Vista por guardas municipais.

O museu, que foi a residência da Família Real durante o Império, fica dentro do parque e guardava um acervo de história natural considerado o maior da América Latina, além de peças de importância antropológica vindas de diversas partes do mundo. O protesto continuou do lado de fora do portão e houve momentos em que os manifestantes tentaram entrar, quando os portões tinham de ser abertos para a passagem de veículos. Em ao menos um desses momentos, houve uso de spray de pimenta, e o clima ficou tenso.

A servidora e pesquisadora da Fiocruz Márcia Valéria Morosini foi ao ato prestar

solidariedade aos funcionários do museu e defendeu que era preciso liberar a entrada, porque o protesto era um gesto de abraço.

"Todos nós, brasileiros, tínhamos que estar aqui. O que se perdeu hoje é muito representativo e é muito simbólico das perdas acumuladas para a ciência do Brasil", disse ela. "O que perdemos é uma memória do mundo. Nós éramos guardiões de uma parte da memória da humanidade."

A estudante da UFRJ, Vitória Barbosa, de 18 anos, conta que foi ao protesto se manifestar contra o descaso com a universidade pública no Brasil. O museu é administrado pela universidade, que teve outros registros de incêndio em prédios importantes nos últimos anos. "Vim protestar tanto pela universidade quanto por todos os espaços públicos de cultura e educação". O pró-reitor de graduação da UFRJ, Eduardo Serra, negociou com a Guarda Municipal para que os manifestantes pudessem entrar na área da Quinta da Boa Vista. Segundo Serra, a entrada dos manifestantes será liberada depois que o museu for cercado por grades. O que deve ocorrer nas próximas horas.



Os manifestantes começaram a chegar pouco depois das 9h, mas foram impedidos de entrar na Quinta da Boa Vista por guardas municipais.

Os portões da Quinta da Boa Vista foram fechados pelas equipes da Guarda Municipal por medida de segurança, para evitar tumultos e prevenir acidentes. Equipes do Corpo de Bombeiros e da Defesa Civil permanecem trabalhando no local, que

ainda oferece riscos. Cerca de 400 pessoas, incluindo servidores, estudantes e manifestantes, que já estavam no parque permaneceram no espaço, mas foram sendo orientadas a ficarem afastadas do prédio (ABR).